

AS DOENÇAS OCUPACIONAIS EM FEIRANTES DO VER-O-PESO

AUTORIA

Camila Malena Meiguins Brito
E-mail: camilameiguins@outlook.com
Universidade da Amazônia - UNAMA

Wendy Victória Silva do Nascimento
E-mail: vicwendyvic@gmail.com
Universidade da Amazônia – UNAMA

Mayra Hermínia Simões Hamad Farias do Couto
E-mail: mayrahamad@gmail.com
Universidade da Amazônia – UNAMA

Sandra Maria de Araújo Lameira
E-mail: lameirasandra@gmail.com
Universidade da Amazônia - UNAMA

RESUMO

A interação do homem com o local de trabalho vem passando incessantemente por alterações que prejudicam sua vida nesse ambiente, a consequência disso é um local desorganizado e funcionários que são submetidos a tarefas repetitivas levando a um conjunto de patologias, como as doenças ocupacionais que são a designação de várias doenças que causam alterações na saúde do trabalhador, provocadas por fatores relacionados ao ambiente de trabalho, o que acaba afetando a sua vida tanto física quanto psicológica. **Objetivo:** Descrever os relatos do aparecimento de doenças ocupacionais biomecânicas em feirantes. **Materiais e métodos:** Como instrumento de avaliação, foi utilizado um questionário com 5 perguntas elaboradas pelas autoras, com a finalidade de identificar as doenças ocupacionais e queixas algícas. Foram entrevistados 34 feirantes. **Resultados:** Ao analisar os resultados referentes aos dados pessoais dos feirantes, verificou-se que a maioria deles já sentiram pelo menos uma dor em seu ambiente de trabalho. **Conclusão:** Este presente estudo permitiu perceber quais as doenças ocupacionais em feirantes e seus fatores relacionados, como aspectos negativos que comprometem sua saúde, podendo assim, interferir na qualidade de vida dos trabalhadores da feira do Ver-o-Peso.

Palavras-chave: Doenças Ocupacionais; Dor; Saúde Pública.

Jovens Pesquisadores

1. INTRODUÇÃO

A interação do homem com o local de trabalho vem passando incessantemente por alterações que prejudicam sua vida nesse ambiente, a consequência disso é um local desorganizado e funcionários que são submetidos a tarefas repetitivas levando a um conjunto de patologias, como as doenças ocupacionais que são a designação de várias doenças que causam alterações na saúde do trabalhador, provocadas por fatores relacionados ao ambiente de trabalho, o que acaba afetando a sua vida tanto física quanto psicológica. As doenças ocupacionais biomecânicas resultam principalmente das condições mecânicas do corpo dentro do ambiente de trabalho ou dos instrumentos utilizados na atividade laboral. Entre as doenças ocupacionais podemos considerar o aparecimento de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) (BARBOSA; SANTOS; TREZZA, 2007, CARVALHO et al, 2016).

O aparecimento de DORT é considerado um grande problema de saúde pública no mundo, esses danos representam aproximadamente 70% dos atendimentos feitos nos serviços de saúde, tais dados foram obtidos no período de 2005 a 2015, por meio do Relatório de Atendimento ao Acidente do Trabalho (RAAT), constantes no Banco de Dados do Núcleo de Epidemiologia do Cerest-Guarulhos (DE PAULA; DO AMARAL, 2019).

Os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) foram incluídos para substituir o termo Lesão por Esforço Repetitivo (LER), pois os sintomas em estruturas musculoesqueléticas nem sempre são evidenciados por alguma lesão nas estruturas do corpo, pois além de esforços repetitivos que sobrecarregam a mecânica corporal, existem sobrecargas que são nocivas, como o excesso de força produzida para carregar objetos pesados, levando o mesmo a adquirir uma postura inadequada. (PRZYSIEZNY, 2000).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a qualidade de vida refere-se ao bem-estar físico, mental e social. Dessa forma, como as pessoas passam uma boa parte do tempo trabalhando, o ambiente de trabalho se configura como um modo de sobrevivência dos seres humanos, que satisfaz as necessidades básicas. Já na perspectiva psicológica, é uma categoria central no desenvolvimento do autoconceito e da autoestima. Sendo assim, a qualidade de vida no trabalho além de ser um conjunto de técnicas, é uma nova postura que possui o objetivo de melhorar e preservar a saúde dos trabalhadores, trazendo equilíbrio na produtividade, qualidade e satisfação no ambiente de trabalho (ALVARES; ZIVIANI, 2015; FARSEN et al, 2018). Entretanto, a maioria dos trabalhadores que não possuem um trabalho formal estão sujeitos a vulnerabilidades em relação à saúde e à segurança, pois passam por extensas horas de trabalho, o que acaba afetando sua qualidade de vida. Tais dificuldades ocorrem devido à resistência do mercado de trabalho em contratar pessoas com idades avançadas ou por questões culturais, estas buscam na atividade de feirante uma solução de obtenção de renda e sustento familiar (CARVALHO; AGUIAR, 2017).

As feiras não são locais destinados apenas para a comercialização, e sim um espaço de socialização, lugar de cores, sabores, odores e sons, as pessoas observam as características, “barateiam” e têm suas barracas preferidas, os trabalhadores conhecem os consumidores típicos, por vezes parecem mais amigos do que fregueses. Contudo, apesar da importância das feiras para a comunidade, é notório as condições precárias de trabalho que afetam a saúde física e mental dos feirantes. As intensificações de atividades laborais acabam levando ao desgaste biopsicossocial dos trabalhadores, adquirindo diversas doenças ocupacionais (ESPERANÇA, 2016).

Em Belém do Pará, a feira do Ver-o-Peso existe desde 1625 e possui uma localização privilegiada entre a Baía do Guajará e o Rio Guamá. É um local onde há um mercado comercial e fiscal em que ocorre o descarregamento de produtos vindos dos ribeirinhos para a cidade. Desde então,

continua tendo esta peculiaridade em sua forma de comercialização, entre a cultura ribeirinha e o centro urbano por meio de vias fluviais. A feira se divide dentre vários setores, fazendo dela um complexo de aproximadamente 26.500 metros quadrados, possuindo cerca de 1.500 barracas e boxes (CARVALHO; AGUIAR, 2017, TOURINHO; SANJAD; NORAT, 2017; SILVA, 2011). Tendo isso em vista, percebe-se uma necessidade de averiguar as condições de trabalho dos feirantes do Ver-o-Peso, suas queixas dolorosas e como eles podem ser vulneráveis em adquirir diversas patologias. Partindo dessas considerações, a presente pesquisa levanta a seguinte pergunta: Há doenças ocupacionais biomecânicas presentes em feirantes? Tendo como objetivo descrever os relatos do aparecimento de doenças ocupacionais biomecânicas em feirantes.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Amazônia (CEP/UNAMA), sob o CAAE nº 10695319.0.0000.5173, atendendo ao Parecer nº 3.365.412, tendo início somente depois da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos feirantes.

O presente estudo, de caráter transversal descritivo e quantitativo, aconteceu em Junho de 2019, sendo desenvolvido pelas acadêmicas do curso de Fisioterapia da Universidade da Amazônia (UNAMA), como produto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UNAMA), onde as alunas contribuíram com a pesquisa de uma mestranda na linha de pesquisa: Políticas Públicas e Qualidade de Vida Urbana na Amazônia na perspectiva ambiental: formas de ocupação do espaço nas cidades.

A feira livre do Ver-o-Peso, localizada em Belém do Pará, foi escolhida como campo de pesquisa, especificamente, o setor de hortifrúti do local, que apresenta um total de 99 barracas. Como instrumento de avaliação, foi utilizado um questionário elaborado pelas autoras, com a finalidade de identificar as doenças ocupacionais e queixas algicas dos trabalhadores.

O questionário aplicado sobre Doença Ocupacional continha 5 perguntas que deveriam ser respondidas por meio de uma entrevista, como: “Em seu dia-a-dia, você já teve alguma lesão/acidente ou sente dor devido as atividades desenvolvidas no seu local de trabalho?”; a segunda indagação era “Você já adquiriu alguma doença relacionada às suas atividades de trabalho?”; seguido de “Descreva alguns aspectos de sua atividade que podem comprometer a sua saúde.”; o quarto item apresentava duas questões: “Você vai ao médico? Em que periodicidade?”; e por último: “Que tipo de doença o leva ao médico com mais frequência?”. Essas perguntas, em sua maioria, contavam com alternativas rápidas a serem marcadas pelas investigadoras durante as entrevistas, como “Sim” e “Não”, tendo algumas delas, a opção de especificar o que estava sendo solicitado caso a pergunta obtivesse um “Sim” como resposta. Após a coleta de informações durante a pesquisa de campo, buscou-se analisar os dados para que assim fosse dada continuidade a construção do estudo.

3. RESULTADOS

A feira do Ver-o-Peso possui um total de 99 barracas no setor de hortifrúti, das quais 10 estão desativadas e uma está abandonada, contando com 88 barracas funcionando atualmente. Há 56 feirantes trabalhando na feira, sendo que, 30 possuem mais de uma barraca, e 22 não quiseram participar da pesquisa, sendo assim, contamos com uma amostra de 34 feirantes de ambos os gêneros. Os trabalhadores foram convidados a participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) onde constavam todas as informações do estudo.

Na primeira pergunta, questionou-se ao feirante a respeito de já ter ocorrido alguma lesão/acidente ou se sente dor devido às atividades desenvolvidas em seu local de trabalho. Como resposta, 19 disseram que não, correspondendo a 55,88% dos trabalhadores. Já 35,29% deles disseram sim, representando 12 vendedores, dos quais 2 alegaram ter fraturado o braço e 1 o pé; 8 responderam que sentem dores nas costas e coluna; 1 informou que teve hérnia de disco e fez cirurgia; 3 pessoas não responderam a essa pergunta.

Já na segunda pergunta, indagou-se aos feirantes a respeito de já terem adquirido alguma doença relacionada às suas atividades de trabalho, 12 informaram que não, equivalendo a 35,29% dos trabalhadores. 22 afirmaram que sim, correspondendo a 64,70%: 1 relatou ter hérnia de disco; 13 informaram que sentem “dores na coluna, nas costas e nas pernas”; 1 relatou ter arritmia aguda; 1 revelou ter tido hérnia de disco, artrose e torcicolo; 1 afirmou ficar gripado com frequência; 1 argumentou ter bursite e tendinite; 1 alegou sentir “dores no corpo”; 3 não responderam a pergunta.

Tabela 1 - Resultados referentes à pergunta 1 e 2.

Perguntas	Sim	Não	Não responderam
1. Lesão/acidente/dor	12	19	3
2. Doenças relacionadas ao trabalho	19	12	3
Total	31	31	-
Porcentagem (%)	91,17%	91,17%	8,82%

Fonte: Autoras, 2019.

Já na terceira questão levantada, pedimos para que os feirantes descrevessem alguns aspectos de sua atividade que podem comprometer a sua saúde. 73,52% responderam a essa pergunta apontando aspectos negativos relacionados às suas atividades laborais: 8 disseram que carregam muito peso; 3 afirmaram que o local possui alta temperatura e carregam mercadorias pesadas; 1 relatou ter “dor nas costas”; 2 alegaram estar frequentemente com dores musculares; 1 disse que o piso da feira está em péssimas condições, e que o local é muito quente; 3 informaram que a sujeira presente na feira é abundante; 4 argumentaram que o calor presente na feira interfere muito em seu trabalho; 1 falou sentir muitas “dores nas pernas” e 2 revelaram que o esforço físico feito é muito alto; 9 não responderam.

Enquanto que, a quarta pergunta foi a respeito da procura dos feirantes em ir ao médico. Somente 2 informaram que não vão ao médico, constituindo 5,88% da amostra. Os que relataram ir ao médico foram 30 feirantes, representando 94,12%, possuindo a seguinte periodicidade: 5 procuram ir mensalmente, 5 vão semestralmente, 9 a cada ano, e 11 só procuram um médico quando percebem que ficam doentes. Duas pessoas não responderam.

Tabela 2 - Resultados referentes à pergunta 3 e 4.

Perguntas	Sim	Não	Não responderam
3. Aspectos que comprometem a saúde	Positivos: 0	Negativos: 25	9
4. Ida ao médico	30	2	2
- Periodicidade:			
Mensalmente: 5			
Semestralmente: 5			
Anualmente: 9			
Somente quando adoecem: 11			
Porcentagem (%)	88,23%	79,41%	32,35%

Fonte: Autoras, 2019.

Em resposta a última pergunta, os feirantes nos informaram que tipo de doença o leva ao médico com mais frequência: 1 informou a arritmia aguda; 3 falaram “gripe”; 4 relataram a hipertensão; 2 disseram “dores e pressão alta”; 11 afirmaram ser as “dores no corpo”; e 1 alegou ser a hérnia, artrose, e torcicolo. 12 não responderam a essa pergunta.

Tabela 3 - Resultados referentes à pergunta 5.

Perguntas	Arritmia aguda	Gripe	Hipertensão	Dores e pressão alta	Dores no corpo	Hérnia, artrose, torcicolo	Não responderam
5. Doença que o leva ao médico	1	3	4	2	11	1	12
Porcentagem (%)	2,94%	8,82 %	11,76%	5,88%	32,35 %	2,94%	35,29%

Fonte: Autoras, 2019.

4. DISCUSSÃO

As doenças ocupacionais como os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) são consideradas o maior agravo à saúde dos trabalhadores, sendo um objeto indiscutível em Saúde Pública e nas Políticas Públicas que estão direcionadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), destacando-se na prevenção dos agravos à saúde dos trabalhadores (ALMEIDA, 2005).

Segundo Barbosa (2001), as condições de trabalho se remetem as variáveis presentes no ambiente de serviço, capaz de alterar e/ou condicionar a capacidade produtiva do indivíduo, causando ou não agressões ou depreciações a saúde destes. Diante ao dever do estado, a Constituição Federal regulamentada pela Lei Orgânica da Saúde (Lei nº 8.080/90), no artigo 6º, parágrafo 3º, discorre que a saúde do trabalhador pode ser compreendida como a relação entre o trabalho e a saúde-doença, tendo a necessidade de mudança no âmbito de trabalho e nas condições ambientais do local, através de uma abordagem de trabalho multidisciplinar. (ESPERAÇA, 2016).

Ao analisar os resultados referentes aos dados pessoais dos feirantes verificou-se que a maioria deles já sentiram pelo menos uma dor em seu ambiente de trabalho. Na primeira pergunta do questionário pode-se perceber no resultado que a diferença não foi muito grande entre os feirantes que não sofreram alguma lesão no ambiente de trabalho e os que já sofreram, sendo estes, as dores na coluna são as queixas mais notadas devido à postura em pé adotada pelo feirante em seu ambiente de trabalho.

Segundo Tribastone (2001) utilizar a coluna vertebral de forma incorreta cria um desequilíbrio nas mais variadas partes do corpo e como consequência, produz uma tensão sobre as estruturas de suporte, o que causa um maior gasto energético para o corpo, uma vez que, o indivíduo precisa atuar num equilíbrio mecanicamente mais cansativo, gerando um aumento na apatia motora, onde os movimentos errados do corpo se estabilizam, provocando rompimentos ligamentares ou musculares.

No estudo de Alencar et al (2005) 80 trabalhadores da produção de frangos de cortes foram avaliados, de acordo com as suas condições de trabalho, onde foi observado que a prevalência de dores musculoesqueléticas nos últimos três meses referentes à coluna vertebral foi de 4,6% para a região cervical, 76,8% para a região lombar e 2,4% no quadril.

Picoloto e Silveira (2008), durante sua pesquisa em uma indústria metalúrgica de Canoas-RS, contendo uma amostra de 268 trabalhadores, em sua maioria do sexo masculino, verificaram que o local com maior índice de sintomas dolorosos musculoesqueléticos são sempre na coluna vertebral, principalmente na região lombar.

Na segunda pergunta, pode-se perceber que a maioria dos feirantes afirmam já ter adquirido alguma doença relacionada às atividades exercidas no seu trabalho, sendo dores na coluna e nas pernas as mais citadas, o que pode evoluir para uma hérnia de disco e artrose nos joelhos respectivamente.

Na pesquisa de Rodrigues e Santos (2019), os feirantes do setor de hortifrúti do Centro de Abastecimento de Feira de Santana-Bahia foram avaliados, onde constatou-se que 55% deles apresentaram incapacidade mínima e 14% incapacidade intensa. Dentro dessa amostra, 73% dos trabalhadores apresentaram alguma dor, desconforto e “formigamento” na região lombar. De acordo com o estudo de Frota (2016) onde analisou-se a sobrecarga física em feirantes de uma feira em Manaus, foi observado que na circunvizinhança ou no entorno da feira, não existe nenhum tipo de assento, banco ou cadeira. Por isso, os trabalhadores são obrigados a ficar durante longas horas numa mesma posição, executando atividades repetitivas, o que lhes causam dores na coluna e nas pernas.

Na terceira pergunta foi observado que, nas respostas analisadas, todos os feirantes citaram aspectos negativos relacionados ao seu trabalho, a maioria deles relataram que os aspectos que mais colaboraram para comprometer a integridade de sua saúde foram as altas temperaturas do local de trabalho e o carregamento de peso excessivo.

No estudo de Vasconcellos (2017), verificou-se que os feirantes estão expostos a riscos ambientais, como às condições adversas de clima por conta das altas e/ou baixas temperaturas, sendo que durante a prática da sua atividade, a maioria dos trabalhadores não fazem uso diário de equipamentos de proteção individual (EPI). Com isso, essa exposição é considerada um fator de risco para a saúde do feirante. O trabalho braçal é outro fator importante, visto que, é desenvolvido diariamente no carregamento de mercadorias pesadas e durante a montagem e desmontagem das barracas.

A quarta pergunta referia-se à procura dos feirantes em ir ao médico, observou-se que, 88,23% da amostra declarou que procuram atendimento médico, no entanto, entre as 30 pessoas que responderam a esta indagação, 14 informaram que em um período de 6 meses à 1 ano, pelo

menos uma vez, buscam o atendimento, outras 11 pessoas, procuram somente quando encontram-se em situações de enfermidade, e somente 5 dos entrevistados comparecem uma vez ao mês.

Segundo Sartunino et al (2017), os feirantes apresentam particularidades devido ao ambiente e às condições de trabalho, sendo expostos a fatores de risco, que os levam a situações de vulnerabilidade em relação ao adoecimento e cuidados exigidos para lidar com as necessidades de saúde que apresentam.

Todavia, Capilheira e dos Santos (2005), apontam em seu estudo que, para um indivíduo procurar um serviço de saúde, existem fatores de lugares disponíveis para que isso seja realizado e, também, fatores pessoais para que esse ato seja concluído. Visto que, para uma pessoa procurar atendimento médico, irá depender da patologia (fator objetivo) e de suas apresentações clínicas de sinais e sintomas, assim como, da importância que o paciente atribui à doença (fator subjetivo).

Na última pergunta, foi indagado aos feirantes que tipo de doença os levam ao médico com mais frequência, em sua maioria, os feirantes responderam: pressão alta e dores no corpo.

Souza et al (2009) relata que, apesar de existirem ações com o intuito de minimizar os índices elevados da hipertensão arterial, algumas pesquisas mostram que $\frac{3}{4}$ dos portadores dessa doença, não conseguem mantê-la controlada, ainda que utilizando terapia anti-hipertensiva.

Já a respeito das dores, durante uma pesquisa realizada com trabalhadores de uma indústria têxtil, Trindade et al (2012), verificou que somente 7,3% da amostra não referia qualquer queixa de dor osteomuscular e 92,7% apresentaram sintomas.

No estudo de Barbosa, Santos e Trezza (2007), os autores descrevem que apesar dos vários fatores que somados podem ocasionar adoecimento por parte dos trabalhadores, questões pessoais como patologias sistêmicas, situações reumáticas ou infecções, podem predispor este trabalhador ao desenvolvimento de doenças ocupacionais. Sendo assim, percebe-se que o fator de individualidade de cada feirante o distingue dos demais, o tornando pré-disposto ou não em adquirir alguma patologia.

5. CONCLUSÃO

Este presente estudo permitiu compreender os relatos de diversas doenças ocupacionais biomecânicas presentes em feirantes do Ver-o-Peso, e que estas são muito frequentes, sendo possível também associá-las a interferências na qualidade de vida dos trabalhadores. Como foi observado na amostra, as principais reclamações feitas pelos feirantes são relacionadas às dores osteomusculares, isso se dá pela exaustiva jornada de trabalho que esses indivíduos levam, desde a madrugada onde precisam acordar para buscar sua mercadoria diária, se estendendo pelo restante do dia, onde encontram-se em situações de exposição à fatores de risco, por conta do seu ambiente de trabalho, principalmente relacionado a questões posturais, devido ao longo período que passam em pé, bem como, questões climáticas em razão das altas temperaturas da cidade que se intensificam ainda mais em lugares fechados, com pouca ventilação e de grande fluxo de pessoas.

Em razão disso, campanhas de prevenção e conscientização são de suma importância para trazer um melhor conhecimento para os feirantes, além de contribuir para prevenir diversas doenças ocupacionais, diminuindo assim, sintomas de dor e acidentes no trabalho, além de reduzir custos com a assistência médica desses feirantes. É importante salientar também sobre a necessidade de novas pesquisas voltadas a essa categoria, para que possam existir novos resultados e conseqüentemente melhorias na condição de trabalho do feirante.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. C. B. et al. Associações entre crenças relacionadas ao trabalho e suas influências na saúde dos trabalhadores e na produtividade, no setor de produção de frangos de corte: Uma abordagem ergonômica. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/101701/224279.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- ALMEIDA, R. G. R. Aspectos Ergonômicos relacionados à postura das funcionárias no refeitório do Centro Federal de Educação Tecnológica de Uberaba. **Dissertação de Mestrado**, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:
<http://cursos.ufrrj.br/posgraduacao/ppgea/files/2015/05/Roberto-Gil-Rodrigues-Almeida.pdf>
- ALVARES, M. S.; ZIVIANI, F. Qualidade de vida no trabalho: um estudo de caso de docentes e funcionários na ETFG-BH. **FACEF Pesquisa-Desenvolvimento e Gestão**, v. 18, n. 1, p. 95-127, 2015. ISSN: 1516-6503.
- BARBOSA, M. S. A.; SANTOS, R. M.; TREZZA, M. C. S. F. A vida do trabalhador antes e após a Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e Doença Osteomuscular Relacionada ao Trabalho (DORT). **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, n. 5, p. 491-496, 2007. ISSN 0034-7167.
- CAPILHEIRA, M. F.; DOS SANTOS, I. da S. dos. Fatores individuais associados à utilização de consultas médicas por adultos. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 3, p. 436-443, 2005.
- CARVALHO, J. J.; AGUIAR, M. G. G. Qualidade de vida e condições de trabalho de feirantes. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS**, v. 7, n. 3, p. 60-65, 2017. ISSN: 1677-7522.
- CARVALHO, R. G. et al. Situações de trabalho e relatos de dor entre feirantes de confecções. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 16, n. 3, p. 274-284, 2016. ISSN 1984-6657.
- DE PAULA, E. A.; DO AMARAL, R. M. M. F. Atuação interdisciplinar em grupos de qualidade de vida para pacientes com Lesões por esforços repetitivos/Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho-LER/DORT. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 44, p. 1-10, 2019. ISSN 2317-6369.
- ESPERANÇA, M. H. I. et al. Condições e riscos à saúde no trabalho de feirantes do bairro Recanto dos Pássaros em Cuiabá-MT. **Trabalho de Conclusão de Curso**, Universidade Federal do Mato Grosso, 2016. Disponível em:
http://bdm.ufmt.br/bitstream/1/158/1/TCC_2016_Michelle%20Haranaka%20Ide%20Esperanca%20C3%A7a.pdf
- FARSEN, T. C. et al. Qualidade de vida, Bem-estar e Felicidade no Trabalho: sinônimos ou conceitos que se diferenciam?. **Interação em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 31-41, 2018.
- FROTA, F. A. Torres. Ergonomia aplicada em trabalho com sobrecarga física na feira Manaus moderna. **Tese de Doutorado**, Universidade do Minho, 2016.
- PICOLOTO, D.; SILVEIRA, E. Prevalência de sintomas osteomusculares e fatores associados em trabalhadores de uma indústria metalúrgica de Canoas – RS. **Revista Ciência Saúde Coletiva**. v. 13, n. 2, p. 507-516, 2008. ISSN 1678-4561
- PRZYSIENY, L. W. Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho: um enfoque ergonômico. **Dynamis**, v. 8, n. 31, p. 19-34, 2000.

RODRIGUES, R.; SANTOS, K. O. B. Lombalgia e alterações funcionais em feirantes: um estudo transversal. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 9, n. 3, 2019.

SATURNINO, M. N. G. et al. Modos de ver e de fazer: saúde, doença e cuidado em unidades familiares de feirantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1723-1732, 2017. ISSN 1678-4561.

SILVA, T. L. C. V. Etnografando mercados: trabalho, sociabilidade e lazer no Ver-o-Peso. **Somanlu**, v. 11, n. 1, p. 27-44, 2011.

SOUZA, A. C. C. et al. Caracterização clínico-epidemiológica da clientela com crise hipertensiva atendida em um serviço de emergência de um hospital municipal de Fortaleza-CE. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 13, n. 1, p. 13-18, 2009.

TOURINHO, M.; SANJAD, T.; NORAT, R. Feira do ver-o-peso: as pessoas entre as permanências e as transformações de um patrimônio cultural. In: **1º Simpósio Científico ICOMOS**. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/60269.pdf>

TRIBASTONE, F. Tratado de Exercícios Corretivos Aplicados à Reeducação Motora Postural. Barueri: **Manole**, 2001.

TRINDADE, L. L. et al. Trabalhadores da indústria têxtil: o labor e suas dores osteomusculares. **Journal of Nursing and Health**, v. 2, n. 2, p. 377-87, 2012.

VASCONCELLOS, P. A. Vivências de prazer e sofrimento de feirantes na cidade de Corumbá-MS. **Dissertação de Mestrado**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2017. Disponível em: <https://ppgefcpn.ufms.br/files/2018/03/MEF-DISSERTA%C3%87%C3%83O-PAMELA.pdf>